

A lógica irracional de Trump

Com tarifas, presidente americano pretende compensar a apreciação do dólar que torna a indústria americana pouco competitiva

Por Luiz Carlos Bresser-Pereira

Valor, 11/04/2025

Donald Trump não é louco como é comum se ouvir, mas é arrogante e arbitrário. Suas decisões econômicas têm um objetivo principal: desvalorizar o dólar para tornar a indústria mais competitiva acabando com o déficit na conta corrente. Quer também impedir o desenvolvimento da China, mas este objetivo não foi considerado no tarifaço.

Há uma lógica nas tarifas de Trump, com elas ele pretende compensar a apreciação do dólar que torna a indústria americana pouco competitiva. Mas elas estão sendo aumentadas de maneira brusca e diferente para cada país, o que torna esses aumentos irracionais. Os Estados Unidos não se desindustrializaram apenas porque isto é inevitável quando um país se torna rico; isto também aconteceu porque, desde os anos 1960, o país passou a apresentar déficits na conta corrente elevados que apreciaram o dólar e reduziram a competitividade da indústria americana. Assim, aproveitava-se de seu “privilégio exorbitante” para permitir que americanos consumissem mais, sem o risco de quebrar, porque a dívida externa resultante é sempre em dólares.

Isto é verdade, mas os economistas e os governantes americanos não compreenderam um fato que não estava em sua cartilha econômica: quanto maior for o déficit na conta corrente que o país apresenta em relação a seu PIB, mais valorizada (não competitiva) será sua moeda nacional. Esta é uma tese central da teoria novo-desenvolvimentista. A taxa de câmbio de um país está em equilíbrio quando sua conta corrente está zerada, ou seja, quando a oferta e a procura de moedas originadas de suas atividades comerciais estejam equilibradas. Quando há um déficit, isto significa que estão entrando mais dólares para financiá-lo do que saindo, a moeda se aprecia, e a indústria perde competitividade. Trump e sua equipe perceberam o problema. Seria preciso depreciar o dólar, mas os EUA não têm meios para executar essa tarefa porque sua

economia é aberta financeiramente; a saída e a entrada de dólares é livre. Conforme a imprensa vem noticiando, fechar a economia é uma hipótese que está sendo discutida, mas não foi esse o caminho escolhido porque isto traz custos difíceis de medir.

O caminho escolhido foi o das tarifas aduaneiras. Quando um país estabelece uma tarifa para um determinado bem, ele está depreciando a sua moeda para a importação daquele bem. Se Trump, ao tomar posse, decidisse aumentar as tarifas aduaneiras que existiam de uma maneira linear - se definisse um determinado multiplicador para elas, por exemplo, 2, e o usasse, ele estaria desvalorizando o dólar em relação aos bens industriais. Aplicado esse fator sobre a tarifa média de importações que era de 2,5%, esta aumentaria para 5%. Entretanto, ao invés de dobrar, Trump elevou para 22% a tarifa média de importações.

As previsões catastróficas para a economia dos EUA que os liberais estão fazendo não se confirmarão, mas as tarifas são uma forma de transferir renda para a indústria que resultará em aumento da inflação, diminuição dos salários reais e a possibilidade de uma recessão

Ao invés de aumentar as tarifas de forma moderada e gradual, Trump as está aumentando de forma violenta e desordenada. Os EUA estão, assim, adotando um modelo de substituição de importações que, além de envolver tarifas elevadas e diferentes umas das outras, não considera que são um país “grande” que, quando eleva tarifas, provoca retaliação. O Brasil adotou com sucesso esse modelo entre 1950 e 1980 porque era um país “pequeno” em termos de comércio internacional.

Para evitar a retaliação, a desvalorização deveria ser gradual, começando com um multiplicador pequeno como o do exemplo. Ao invés disso, o governo Trump aumentou radicalmente as tarifas, diferenciando-as por países de acordo com um princípio da reciprocidade por ele definido.

Segundo o princípio da reciprocidade, os países devem conceder concessões mútuas sobre tarifas, cotas e outras restrições comerciais. Em 2 de abril de 2025, Trump anunciou uma nova política tarifária envolvendo uma tarifa universal de 10% sobre todas as importações, e tarifas recíprocas adicionais em países específicos. A fórmula usada para determinar essas tarifas específicas foi baseada nos déficits comerciais bilaterais dos EUA. A tarifa foi calculada dividindo-se o déficit comercial dos EUA com um determinado país pelo valor total das importações desse país e, em seguida, dividindo-se o resultado por

2. Por exemplo, com a China, os EUA tiveram um déficit comercial de US\$ 295 bilhões e importaram bens no valor de US\$ 439 bilhões. Dividindo o déficit pelo valor da importação resulta em aproximadamente 67%, e reduzir pela metade essa percentagem resulta em uma tarifa de 34%.

Para países desenvolvidos como a União Europeia e o Canadá, a tarifa adicional foi de 20%; para países de renda média que continuam a usar tarifas para sustentar sua industrialização por substituição de importações, como é o caso da Índia (26%), Indonésia (32%) e África do Sul (30%) foi respectivamente de 26, 32 e 30%. Já para países pobres, que estão atualmente iniciando sua industrialização por substituição de importações, como é o caso da Camboja, a tarifa adicional foi de 49% que, somados aos 10%, dá um total de 59%!

A tarifa aplicada ao Brasil e aos demais países latino-americanos, exceto o México, foi baixa (10%) porque, em torno de 1990 (dez anos depois da virada neoliberal no Norte Global), esses países voltaram a se subordinar aos EUA, realizando duas aberturas - a comercial (não obstante as tarifas, nesses países exportadores de commodities, neutralizavam a doença holandesa que surgia quando havia um boom de commodities) e a financeira que, ao tornar livres as entradas e saídas de capital, levou os países latino-americanos a perder seu relativo (mas fundamental) controle sobre a taxa de câmbio. Desde então, suas economias estão quase-estagnadas.

Trump não está louco, mas está equivocado ao elevar radicalmente as tarifas e ao fazê-lo de forma diferenciada para este ou aquele país. As previsões catastróficas para a economia dos EUA que os economistas liberais estão fazendo não se confirmarão, mas as tarifas são uma forma de transferir renda para a indústria que resultará em aumento da inflação, diminuição dos salários reais, e a possibilidade de uma recessão.

Em outras palavras, a confusão, a incerteza e a guerra comercial que ele está provocando implicarão um grande prejuízo para os EUA e um prejuízo menor mas significativo para o resto do mundo. As bolsas americanas estão refletindo isto. Considerando apenas a Nasdaq, esta caiu 11,4% desde o tarifaço de 2 de abril até o dia 4, quando a China informou o valor de sua retaliação - os mesmos 34%. A guerra comercial ganha pleno vigor e ameaça o mundo.

Luiz Carlos Bresser-Pereira, ex-ministro da Fazenda, é professor emérito da FGV.